

SEMIÓTICA: UMA MANEIRA DE LER UMA BOLACHA CHINESA*

Forrest A. Novy
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

São apresentadas discussões consideradas primordiais na elaboração de uma teoria semiótica, enfocando principalmente os elementos criteriosos de **significação, signo-produção e comunicação semiótica**.

Qualquer definição completa de semiótica necessariamente, na opinião dos autores, deve levar em consideração cada um dos elementos e suas relações de interdependência. Em nossa visão o estudo de linguagem necessita uma abordagem global, que coloque o comportamento linguístico no mesmo nível de outros comportamentos comunicativos (verbais e não-verbais).

INTRODUÇÃO

Qual o significado do termo "semiótica"? No seu conceito abrangente, semiótica é considerado o estudo do fenômeno do signo.¹ Historicamente suas raízes podem ser seguidas até, pelo menos, os filósofos gregos, os quais se preocupavam em construir paradigmas teóricos para caracterizar as relações lógicas que se acreditavam existir entre todas as coisas mundanas. Como conseqüência natural desta preocupação, outras pessoas nas épocas que se seguiram tentaram desenvolver teorias que explicavam, de uma forma parcimoniosa e abrangente, como o ser humano chegou a compreender tais relações e, uma vez integrados psicologicamente, transmitidas ou recebidas através de atos de comunicação. Assim, o conceito de semiótica incluiu na sua definição inicial

* Nos Estados Unidos, após o jantar em restaurantes chineses recebe-se uma bolacha tradicional. Dentro desta bolacha vem um bilhete predizendo seu futuro. O autor uma vez recebeu a seguinte mensagem: Você tem um signo afortunado. Aí começa a história.

1 WEINREICH, U. Semantics and semiotics. In: INTERNATIONAL Encyclopedia of the Social Sciences semiotics.

dois aspectos básicos: 1) a representação, ou “significação” de experiência, e 2) sua expressão num ato de comunicação.

Umberto Eco, semanticista contemporâneo, argumenta que qualquer teoria semiótica deve incorporar pelo menos estes dois aspectos. Para Eco, uma teoria semiótica representa um paradigma que clarifica a “codificação” ou representação pelo homem do seu mundo, e também que descreve tanto as formas que estas codificações tomam (“signo — produção”), como os papéis que se desenvolvem no ato da comunicação. Assim, segundo ele, uma teoria completa de semiótica engloba aspectos que definem (1) a natureza da própria significação da experiência, (2) sua forma de produção e, finalmente, (3) sua função na comunicação.²

SIGNIFICAÇÃO

Para semanticistas e outros cognitivistas interessados em comportamento linguístico,³ a **significação** representa o processo pelo qual o ser humano substitui uma coisa por outra, às vezes determinada arbitrariamente. Ferdinand de Saussure e Charles Santiago Sanders Peirce, semanticistas que escreveram no final e começo dos séculos XIX e XX são teorizadores que influenciaram na noção de significação mais aceita hoje em dia. Eles demonstravam um interesse específico para explicar a natureza básica do relacionamento entre um signo e aquilo que ele representava.⁴

Em geral, cada um destes autores conceitualizavam o ato de significação numa maneira similar. Para eles o sentido de qualquer signo era considerado relativo; quer dizer, baseado nas relações existentes entre os componentes de seus paradigmas. Basta dizer aqui que os termos usados na literatura para designar os componentes de um modelo de significação variam consideravelmente. Os termos frequentemente utilizados para designar a forma-substituinte de uma coisa são “signo” (Lyons), “signo - função” (Eco), “símbolo” (Piaget e Inhelder), “signo-veículo” (Weinreich), e “significante” (de Saussure apud Eco). Para o que é representado, os termos mais frequentemente usados incluem “objeto” e “entidade” (Eco, Peirce), “significado” (de Saussure apud Eco), “designatum” (Weinreich), e “significatum” (Lyons).

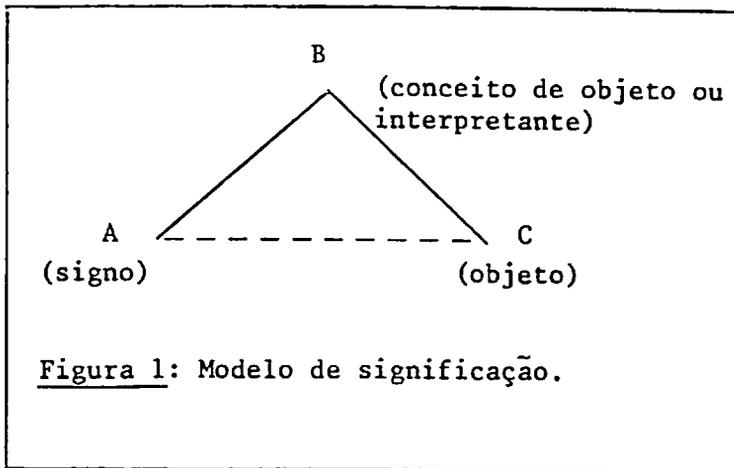
2 ECO, U. *A theory of semiotics*. Bloomington, Indiana University Press, 1976.

3 Cf. BRUNER, J. *Beyond the information given*. New York, Norton, 1973. LYONS, J. *Semantics*. London, Cambridge University Press, 1977. 2 v. SINGER, M.S. *For a semiologic anthropology*. In: SEBEOK, T.A., ed. *Sight, sound and sense*. Bloomington, Indiana University Press, 1978. p.202-31; PIAGET, J. & INELDER, B. *The psychology of the child*. New York, Basic Books, 1969.

4 SAUSSURE, citado por ECO. PEIRCE, C.S.S. Welby, signs and the categories. In: BURKS, A.S., ed. *Collected works of C.S.S. Peirce*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1958, v.3.

Onde de Saussure e Peirce se afastam teoricamente é na caracterização da relação signo-objeto. Para de Saussure a relação é um “diáde”, onde o signo representa diretamente o sentido empregado pelo objeto significado. Assim, a palavra (árvore) carrega nos seus atributos acústicos tudo que define estas formas vegetais: suas características físicas, funcionais, e taxonômicas. Peirce, por outro lado, se nega a aceitar a hipótese “diádica” preferindo caracterizar a relação signo - significado como indireto mediada pelo terceiro componente, o “interpretante”. Assim, sua hipótese “triádica” tenta explicar por que indivíduos escutando, digamos, as mesmas palavras (signos) fazem interpretações diferentes.

Vários autores, como Eco e Lyons preferem enfatizar a definição triádica de Peirce, principalmente devido a este terceiro componente. Para eles o “interpretante” representa os conhecimentos conceituais do aprendiz e serve para modificar, numa forma pessoal, a determinação final da relação semântica estabelecida entre o signo e o seu objeto. Segundo Eco, é “o evento psicológico na mente” que funciona como fonte e filtro das experiências pessoais com eventos, objetos e pessoas do mundo externo (veja figura abaixo).



Assim, pode-se imaginar o interpretante como um tipo de “sotaque semântico”, nas palavras do antropólogo-lingüista Oswald Werner. O interpretante então resulta das próprias experiências culturais e funciona para colorir nossas percepções e formações conceituais. Este autor prefere atribuir à letra B em nosso modelo a função de processa-

mento de informação, um termo freqüentemente empregado em psicologia cognitiva. Este "processamento" relaciona o próprio estilo de aprendizagem do aprendiz, englobando sua maneira de atender e perceber, aguardar e recordar informação, tanto quanto representar e conceitualizar experiências. Com esta dimensão, podemos clarificar e especificar mais detalhadamente a natureza das diferenças psicológicas observadas entre indivíduos que experimentam objetos ou situações parecidas, uma meta razoável em nosso mundo de hoje onde existem tanta necessidade de compreender diversidades psico-culturais.

SIGNO-PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO SEMIÓTICA

Mais dois elementos considerados essenciais na construção completa de uma teoria semiótica incluem (1) as **formas** que um signo apresenta e (2) as **funções comunicativas** que exerce. Pelo menos dois fatores influenciam a forma que um signo leva:

- (1) a natureza da relação existente entre o signo e seu objeto.
- (2) considerações sobre o desenvolvimento humano.

Relações Signo-Objeto

De acordo com as relações naturais que os signos estabelecem com seus significados, Peirce classifica-os como ícones, índices ou símbolos. Numa correspondência à sua colega, a semanticista Lady Welby, Peirce define as várias formas que um signo pode levar.

Eu defino um ícone como um signo determinado por seu objeto dinâmico em virtude da sua própria natureza... Eu defino um índice como um signo determinado por seu objeto dinâmico em virtude de estar numa relação real com ele... eu defino um símbolo como um signo determinado por seu objeto dinâmico somente no sentido que será assim interpretado.⁵

Em geral, representações icônicas são signos que comunicam ou transmitem informações intimamente ligadas com as características perceptuais dos objetos (visuais ou auditivas) que elas significam (i. e., com sua própria "natureza").

5 PEIRCE. p.228.

Figuras reais de duas dimensões, onomatopéias, e esculturas que sugerem a forma natural do que é representado são exemplos de signos do tipo ícone.

O índice, por outro lado, serve para transmitir informação de forma diferente. Com ele o atributo saliente ou proeminente está no seu poder de "forçar a atenção" do perceptor no objeto ou elemento mais importante no mundo externo. O **pingo de chuva** que sugere que pode chover, o **dedo apontado** que focaliza a atenção para alguém (provavelmente menos chamativo para o "dedo duro"!), e **gestos "verbais"**, tais como palavras dêiticas que funcionam para identificar pessoas específicas ("Ele"), lugares no espaço ("ali"), ou pontos no tempo ("agora") são exemplos de signos do tipo índice.

A terceira forma, o símbolo, também tem sua própria distinção individual. O aspecto mais importante deste tipo de signo é sua **arbitrariedade**. Tais representações são consideradas "todas as palavras gerais" (Singer), "linguagens naturais", como aquelas faladas ou escritas por uma cultura (Eco), e "linguagens formalizadas", como álgebra e cálculos. É fácil entender a "arbitrariedade" de um símbolo quando se tenta compreender palavras de uma comunidade lingüística com a qual não se convive. Por exemplo, o que significa uma **guaxica**, ou um **vanzeiro** (vocábulo das crianças do litoral paranaense), ou um **texas leaguer** (um vocábulo que possui sentido para o autor).

Considerações Desenvolvimentistas

Jerome Bruner e Jean Piaget (1969), dois cognitivistas muito conhecidos, têm fornecido teorias que se relacionam intimamente com a maneira pela qual crianças representam e, eventualmente, comunicam experiências.⁶ Bruner, por exemplo, se posiciona com uma teoria de pensamento representativo na criança que trata três (3) formas de representação. Ele denomina estas três formas: **enativa**, **icônica** e **simbólica**. Ainda que a função de cada forma seja a mesma, i.é., facilitar a percepção de saber, seus aparecimentos variam em função do nível de maturidade cognitiva que a criança manifesta.

Saber por representação enativa é "saber alguma coisa por fazer".⁷ Em outras palavras, a criança inicialmente chega

6 BRUNER. *Beyond the information...* BRUNER, J. Learning the mother tongue. *Human Nature*, 1(9):42-8. 1978. PIAGET & INHELDER.

7 BRUNER. *Beyond the information...* p.316.

a saber sobre alguma coisa, tais como um objeto-brinquedo (i. é., como ele pode ser deslocado no espaço, o que ele pode fazer, como sente, etc.) através de sua manipulação ativa. Assim a criança utiliza “padrões de ação aprendidas” para representar o mundo em volta dela.⁸

Com o seu desenvolvimento cognitivo, ela estabelece capacidades de representar suas experiências, não somente pelos padrões de ação, mas pela “imagem” que ela tem destas, armazenadas em sua mente. Esta forma de representação é considerada **icônica**.

Eventualmente, o último e mais “misterioso” sistema de representação a desenvolver é o **simbólico**. Este sistema é definido arbitrariamente, digamos, não dependendo da “estrutura interna” do objeto (experiência) significada, ou suas “ações percebidas”. Mas sua forma representativa é determinada pela comunidade lingüística e, conseqüentemente, varia de uma comunidade para outra.

O tratamento do “contínuo semiótico” de Piaget é semelhante à conceitualização de signo-produção de Bruner. Para Piaget, o desenvolvimento da função semiótica pela criança progride por passos cognitivamente determinados. Sua referência ao signo-produção nunca está explícita, mas é de fácil visualização nas suas descrições das atividades semióticas que caracterizam comportamentos da criança em evolução. Estes comportamentos incluem a **imitação deferida**, o **jogo simbólico** (fazer de conta), o **desenho**, a **imagem mental** (imitação interiorizada), e a linguagem.

As semelhanças entre os dois autores são óbvias. Ambos vêem a criança progressivamente mais capaz de distanciar-se dos objetos e eventos do mundo exterior. Estas habilidades refletem o aparecimento das várias formas de representação às quais ela tem acesso. Assim, a criança é vista mudando do uso de formas de representação fisicamente associadas aos objetos e experiências que elas significam (i. é., representações **enativas** e **imitativas**) para formas que fornecem oportunidades de distanciar (fisicamente) dos objetos e experiências (i. é., representações **icônicas** e **mentais**). Finalmente, a criança desenvolve capacidades que funcionam para controlar formas de representação determinadas arbitrariamente e, subseqüentemente, cognitivamente mais distante da realidade física ou perceptual (i. é., representações **simbólicas** e **linguagem**). (Veja figura abaixo).

⁸ BRUNER, *Beyond the information...*, p.345.

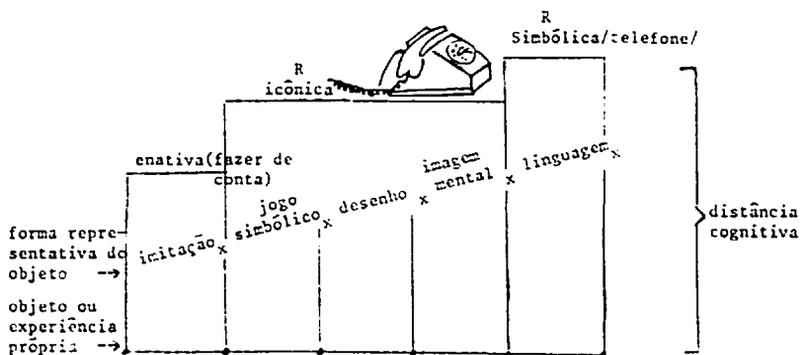


Fig. 2: Signo-produção (formas de representação) no desenvolvimento psicológico da criança segundo Bruner e Piaget.

Comunicação Semiótica

Até agora nosso ensaio tem enfatizado exclusivamente aspectos representativos. Mas uma teoria completa de semiótica também incorpora a expressão de tais representações. Invariavelmente a descrição de qualquer comunicação envolve uma definição própria da “psicologia de signos”.

Para autores, como Bruner e Searle na área de comunicação verbal, e Argyle e Blurton-Jones na área de comunicação não-verbal, é necessário especificar as funções de um ato comunicativo.⁹ Em geral, comunicações servem a funções diferentes, determinadas pelas suas próprias situações textuais. Temos a linguagem “formal” e “informal”, que é empregada nos contextos sociais por eles exigidos. Por exemplo a maneira de discutir a possibilidade de um novo emprego com o seu potencial empregador (linguagem formal) difere da maneira comunicativa do mesmo assunto com um colega (linguagem informal). Mas em cada situação o tópico é igual.

Um ato de comunicação também explora exigências informativas diferentes. Situações comunicativas exigindo expressão de aspirações, necessidade, e desejos são denominadas comunicações desiderativas. Quando for necessário exigir de alguém que escuta, que faça alguma coisa, que aja de uma determinada maneira, empregamos a função instrumental da linguagem. A necessidade de passar informação factual exige capacidades de nominar e declarar conhecimentos previamente interiorizados. O oposto seria a necessidade de re-

9 BRUNER, J. From communication to language: a psychological perspective. *Cognition*, 3(3):255-87, 1975. SEARLE, J.R. Indirect speech acts. In: COLE, P. & MORGAN, J.L., ed. *Syntax and semantics*. New York, Academic Press, 1975. v.3, p.59-82. ARGYLE, M. Non-verbal communication in human social interaction. In: HINDE, R., ed. *Non-verbal communication*. London, Cambridge University Press, 1975.

ceber informações ou explicações de outros que exigem linguagem específica para a elicitación de respostas ou esclarecimentos. Para aqueles que desejam aprofundar-se no assunto, recomendam-se os trabalhos de Lyons¹⁰, Searle, Austin e Bates que entrosem-se com aspectos **pragmáticos** em lingüística.

CONCLUSÃO

Este trabalho se constitui numa tentativa de descrever bem como definir uma série de parâmetros associados com o vasto campo da Semiótica. No seu sentido mais geral, a Semiótica é vista como uma posição teórica basicamente preocupada com a representação e subseqüentemente expressão da experiência. Para aqueles entre nós particularmente interessados na compreensão dos relacionamentos existentes entre pensamento e comportamento verbal, uma perspectiva semiótica serve para aumentar a nossa consciência da complexa interdependência entre estes comportamentos muito "humanos" e, conseqüentemente, a necessidade de investigá-los de modo amplo mas não simplístico. Por exemplo, o estudo da aquisição da competência lingüística de uma criança através de um questionamento sistemático de seus relacionamentos com outros comportamentos não lingüísticos, mas semioticamente ricos, pode oferecer aos pesquisadores novas aberturas dentro do papel verdadeiramente ubíquo da linguagem no crescimento humano. Neste sentido a perspectiva semiótica é vista na verdade como um bom "signo".

ABSTRACT

A number of primary considerations in the elaboration of a theory of Semiotics is presented.

Specifically, three criterial elements — **signification**, **sign-production** and **semiotic-communication** — are defined and discussed relative to human psychological development. Any complete definition of semiotics, in the opinion of the authors cited, should account for each of these elements, including interdependent relationships. The study of language requires a broad perspective; one that places linguistic behavior as comparable in complexity to other non-verbal / communicative behaviors.

10 LYONS, *Semantics*. SEARLE, *Indirect speech acts*. AUSTIN, J. *How to do things with words*. Oxford, Oxford University Press, 1962. BATES, E. *Pragmatics and sociolinguistics in childlanguage*. In: MOREHEAD, D. & MOREHEAD, A., ed. *Language deficiency in children: selected readings*. Baltimore, University Park Press, 1976.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AUSTIN, J. *How to do things with words*. Oxford, Oxford University Press, 1962.
- 2 BRUNER, J. *Beyond the information given*. New York, Norton, 1973.
- 3 ———. From communication to language: a psychological perspective. *Cognition*, 3(3):255-87, 1975.
- 4 ———. Learning the mother tongue. *Human Nature*, 1(9):42-8, 1978.
- 5 BURKS, A.S., ed. *Collected works of C.S.S. Peirce*. Cambridge, Mass. Harvard University Press, 1958. v.3.
- 6 COLE, P. & MORGAN, J.L., ed. *Syntax and semantics*. New York, Academic Press, 1975.
- 7 ECO, U. *A theory of semiotics*. Bloomington, Indiana University Press, 1976.
- 8 HINDE, R., ed. *Non-verbal communication*. London, Cambridge University Press, 1975.
- 9 LYONS, J. *Semantics*. London, Cambridge University Press, 1977. 2 v.
- 10 MOREHEAD, D. & MOREHEAD, A., ed. *Language deficiency in children; selected readings*. Baltimore, University Park Press, 1976.
- 11 PIAGET, J. & INHELDER, B. *Psychology of the child*. New York, Basic Books, 1969.
- 12 SEBEEK, T.A., ed. *Sight, sound and sense*. Bloomington, Indiana University Press, 1978.
- 13 WEINREICH, U. Semantics and semiotics. In: *INTERNATIONAL Encyclopedia of the Social Sciences*. New York, Macmillan, 1968. v. 14, p. 164-9.